

Parabéns*

Luiz Jean LAUAND**

Professora Doutora Myriam Krasilchik, Excelentíssima Diretora da FEUSP: Ilustríssimos Professores e Homenageados, prezados pais, queridos formandos.

Numa ocasião como esta, em que comemoramos solenemente a conclusão do curso de Pedagogia, pareceu-me oportuno dedicar esta brevíssima reflexão a um aspecto da Educação que remete à Filosofia e à Linguagem.

Um aspecto, por outro lado, muito próprio da festa que hoje os pais, os formandos e todos nós celebramos.

Trata-se da possibilidade de superação de uma dificuldade da tarefa pedagógica: uma dificuldade que transcende as tristemente famosas "conjunturas políticas", "melhores condições de ensino", e demais mazelas próprias do descaso a que tantas vezes anda entregue a Educação no Brasil. Nem sequer vale a pena insistir hoje sobre esses pontos.

O que sim vale a pena, parece-me, é refletir sobre a missão do educador guiados pelos antigos: pelos grandes filósofos da tradição de pensamento ocidental já quase três vezes milenárias: Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino.

Esses pensadores afirmam unanimemente que o educador é um guia (aliás, ensinar e sinalizar são, na língua latina, a mesma e única palavra: *insegnare*).

E sendo o homem um ser espiritual (e ser espiritual significa: vocacionado, por natureza, a abrir-se à totalidade do real) no núcleo essencial da missão do educador, encontramos esta tarefa de sinalização: em direção àquela descoberta do real em totalidade, o que, afinal, caminha pari passu com a descoberta de si mesmo.

Pois, embora o homem esteja chamado à consideração do real como um todo, ele só fragmentariamente conhece a realidade. Esta fragmentação do conhecimento é ainda mais acentuada quando o conhecimento torna-se linguagem. Daí que o educador, que busca guiar e guiar-se para a verdade humana, também dirija sua atenção para o resgate da sabedoria que se depositou na linguagem.

Pois, como se sabe as grandes experiências, vívidas intuições de sabedoria que o homem tem sobre si mesmo e o mundo, brilham só por um momento em nossa consciência reflexiva e depois, ao sabor da rotina do cotidiano, vão se desvanecendo e são como que raptadas pela linguagem, transformam-se em linguagem, em linguagem comum: essa que nós mesmos falamos e ouvimos quotidianamente.

É por essa razão que, na verdade, as palavras têm um potencial expressivo muito maior do que possamos imaginar, quando tão familiar e quase automático é o uso que delas fazemos no dia-a-dia.

Daí o interesse do filósofo em desentranhar o sentido originário dos modos de dizer e de formulações consagradas pela linguagem comum em sua própria língua ou em outras.

Como ensina Santo Tomás de Aquino, "Diversae linguae habent diversum modum loquendi", cada língua acentua um particular aspecto da realidade.¹

* Discurso de Patrono - Formatura da turma de 1991 da FEUSP (10/03/92)

** Professor Doutor do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1 Summa Theologiae I.39.3 ad. 2. Veja-se também o tratado de Tomás: Sobre a diferença entre a palavra divina e a humana, 2ª dif.

Essa atenção ao significado oculto da linguagem do povo é precisamente uma das características distintivas da sabedoria e da Pedagogia dos clássicos.

Voltemos-nos agora para um desses sentidos originários: para aquela expressão que, sem dúvida, será a mais ouvida hoje por estes formandos, a palavra tão nossa: "Parabéns!".

Quando transcendemos o âmbito protocolar das formalidades e da praxe, os votos de felicitação: "Parabéns!" (e seus irmãos em outras línguas: o espanhol Enhorabuena!, o inglês Congratulations!, o italiano Auguri!), vemos que eles trazem em si diferentes e complementares indicações sobre o mistério do ser e o do coração humano.

O que significam exatamente essas formulações? O que realmente queremos dizer quando dizemos "Parabéns!" ou congratulations, etc.? Todas essas expressões das diversas línguas trazem em si um profundo significado, por assim dizer "invisível a olho nu". Expressam, cada uma a seu modo, diferentes aspectos da realidade que hoje celebramos.

Começemos pela análise da fórmula castelhana de felicitações: Enhorabuena!, literalmente "em boa hora", que querará significar isto? Significa, no caso, que o longo caminho percorrido por estes formandos chega, exatamente nesta hora, a seu termo. Esta é que é a hora boa, enhorabuena!

Precisamente o fato de ser a hora da conclusão é que a torna uma boa hora. A sabedoria dos antigos fala-nos da "hora de cada um", de horas boas e más. Mas a hora boa, a hora melhor é a da conclusão, a da consumação da obra, a do bom termo do caminho, a hora do fim, que é melhor do que a do começo: "Melior est finis quam principium" (Ecl. 7.8), diz a própria Sabedoria divina.

É na conclusão que transparece o bem, nessa hora boa em que as dificuldades e tribulações de todos estes anos de caminho não são mais do que lembranças, contagiadas - também elas agora - pela alegria da hora boa.

Já a formulação inglesa, também presente no alemão e em outras línguas, congratulation, congratulações, expressa a manifestação de alegria, alegria compartilhada pelo bem do outro com quem nos con-gratulamos, nos co-alegramos.

Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos gratular e congratular, da que deriva "congratulations". A forma depoente (próxima à voz média do grego) está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva: mas uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, que a alegria que externamos ao felicitar estes formandos é também, a título próprio, muito nossa, sobretudo no caso de seus pais e de nós, seus professores.

Resta ainda a forma brasileira, "Parabéns!". Ao dizer "Parabéns!", estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada "para bens". Pois qualquer bem obtido (o dom da vida ou a conquista de um diploma) pode, como todo mundo sabe, ser empregado para o bem ou para o mal.

É a Educação brasileira, anda em tantas instâncias, contida ao descaso da ignorância, à improvisação de oportunistas, ou mesmo à má fé pura e simples, que é com muita esperança que vemos estes formandos - seja-me permitido usar a palavra - uma elite intelectual e de ideais, vemos estes formandos hoje habilitados a exercer plenamente sua vocação de educadores.

A propósito dessa esperança, cabe aqui uma breve nota sobre a formulação própria da língua italiana para expressar felicitações: Auguri, auguri tantí! Com isto se indica que este bem celebrado é só prenúncio, prefiguração, augúrio de outros ainda maiores que estão por vir.

Entre esses prenúncios, está precisamente a certeza da esperança que há pouco expressávamos: junto com a urgente valorização política e social do educador. O resgate da dignidade da educação neste país, impor-se-á pelo destacado trabalho - muitas vezes trincheira de resistência contra a mediocridade, a improvisação e o conformismo - de educadores como estes que hoje se formam.

É com a certeza dessa esperança que hoje, queridos formandos, nós nos con-gratulamos com vocês, nesta hora boa, parabéns e muito obrigado.